

MACHADO DE ASSIS E A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

José Murilo Martins

A Academia Brasileira de Letras foi fundada no dia 20 de julho de 1897 numa sala do Pedagogium, uma instituição com finalidade educativa, localizada na Rua do Passeio, Rio de Janeiro. A sessão inaugural, presidida por Machado de Assis, contou com a presença de dezesseis acadêmicos. Coube ao secretário-geral Joaquim Nabuco a honra de proferir o discurso oficial da solenidade.

Foi Medeiros e Albuquerque quem teve a primeira idéia de fundar uma academia de letras no Brasil, em 1890, sem ter tido sucesso. Cinco anos depois, Lúcio de Mendonça retomou a mesma idéia, mas teve a sensibilidade de indicar o nome de Machado de Assis para dirigir a instituição. O renomado romancista brasileiro, apesar de não ter, inicialmente, um grande entusiasmo por uma academia dessa natureza, reunia, conforme serão vistas abaixo, as qualidades positivas capazes de concretizar esse importante sonho.

Antecederam à fundação da Academia Brasileira alguns movimentos que tinham como finalidade a união de homens de letras. Podem ser citados: a criação do *Grêmio de Letras e Artes* e os jantares promovidos pelo *Clube* (barulhento) *Rabelais* e pela *Revista Brasileira*.

Em 1887 foi fundado um *Grêmio de Letras e Artes*, o qual congregava personalidades ilustres, entre elas futuros membros da ABL. Machado de Assis foi eleito presidente, porém declinou desta distinção. O Grêmio teve uma duração efêmera.

O *Clube Rabelais*, fundado por Araripe Júnior e Raul Pompéia, em 1892, como disse Montello, tinha “ruído e juventude”. Não quiseram aderir aos mesmos, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Visconde de Taunay e Inglês de Sousa. O clube dissolveu-se dois anos após.

Em maio de 1896 a *Revista Brasileira*, dirigida por José Veríssimo, promoveu jantares no Hotel dos Estrangeiros, que podem ser considerados um marco para a formação definitiva da Academia Brasileira de

Letras. Na sala de redação da revista foram realizadas várias reuniões preparatórias para a sua criação e, até mesmo, algumas reuniões ordinárias da Academia.

Dessa maneira, Machado de Assis não pode ser considerado o idealizador da Academia Brasileira de Letras, porém foi o principal responsável pela sobrevivência e pelo prestígio do novo instituto. Lúcio Mendonça colocou-o à frente do movimento de sua criação, pois estava certo de que era a pessoa ideal para dirigir essa gloriosa casa.

FUNDADORES DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS – Foram fundadores da Academia Brasileira de Letras os seguintes escritores (dispostos em ordem alfabética com suas cadeiras):

Iniciais:- Afonso Celso (cadeira 36), Alberto de Oliveira (cadeira 8), Alcindo Guanabara (cadeira 19), Araripe Júnior (cadeira 16), Artur Azevedo (cadeira 29), Carlos de Laet (cadeira 32), Coelho Neto (cadeira 2), Filinto de Almeida (cadeira 3), Garcia Redondo (cadeira 24), Graça Aranha (cadeira 38), Guimarães Passos (cadeira 26), Inglês de Sousa (cadeira 28), Joaquim Nabuco (cadeira 27), José do Patrocínio (cadeira 21), José Veríssimo (cadeira 18), Lúcio de Mendonça (cadeira 11), Luís Murat (cadeira 1), Machado de Assis (cadeira 23), Medeiros e Albuquerque (cadeira 22), Olavo Bilac (cadeira 15), Pedro Rabelo (cadeira 30), Pereira da Silva (cadeira 34), Rodrigo Octávio (cadeira 35), Rui Barbosa (cadeira 10), Silva Ramos (cadeira 37), Sílvio Romero (cadeira 17), Teixeira de Melo (cadeira 6), Urbano Duarte (cadeira 12), Valentim Magalhães (cadeira 7) e Visconde de Taunay (cadeira 13).

Eleitos pelos fundadores: Aluísio Azevedo (cadeira 4), Clóvis Beviláqua (cadeira 14), Domício da Gama (cadeira 33), Eduardo Prado (cadeira 40), Franklin Dória, o Barão de Loreto (cadeira 25), Luís Guimarães Júnior (cadeira 31), Magalhães Azeredo (cadeira 9), Oliveira Lima (cadeira 39), Raimundo Correia (cadeira 5) e Salvador Mendonça (cadeira 20).

Pereira da Silva era o mais velho de todos e Magalhães Azeredo, o mais novo. Machado de Assis teve uma preocupação inicial com o grupo dos boêmios, entre os quais podem ser citados Alberto Oliveira, Araripe Júnior, Artur Azevedo, Coelho Neto, José do Patrocínio, Olavo Bilac e Raimundo Correia. Em contrapartida havia entre os fundadores intelectuais como Inglês de Sousa, Joaquim Nabuco, José Verís-

simo, Lúcio Mendonça e o Visconde de Taunay que davam aos futuros acadêmicos a austeridade necessária para consolidar um instituto dessa magnitude. O autor de *Quincas Borba* soube, com habilidade, unir esses dois grupos e aos poucos, os jovens foram abandonando a boemia.

PATRONOS - Houve uma grande celeuma na escolha dos patronos. Na Academia Francesa, cujos moldes a ABL seguia, foram designados patronos aqueles que primeiro ocuparam as cadeiras da instituição. Tal critério não foi adotado na nova Academia. De forma original os fundadores escolheram para patrocinar suas cadeiras personalidades ilustres das letras brasileiras, já falecidas. Sempre presente, Machado de Assis deu sugestão de alguns nomes.

Surgiram, posteriormente, críticas a respeito do critério adotado uma vez que nem sempre tinha havido uma afinidade de ordem intelectual entre o fundador e seu patrono e que deveria ter havido, em plenário, uma aprovação de todos os nomes escolhidos.

Os patronos das cadeiras foram dispostos de um a quarenta, em ordem alfabética, da seguinte maneira: Adelino Fontoura, Álvares de Azevedo, Artur de Oliveira, Basílio da Gama, Bernardo Guimarães, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Cláudio Manuel da Costa, Gonçalves de Magalhães, Evaristo da Veiga, Fagundes Varela, França Júnior, Francisco Otaviano, Franklin Távora, Gonçalves Dias, Gregório de Matos, Hipólito José da Costa, João Francisco Lisboa, Joaquim Caetano, Joaquim Manuel de Macedo, Joaquim Serra, José Bonifácio, o Moço, José de Alencar, Júlio Ribeiro, Junqueira Freire, Laurindo Rabelo, Maciel Monteiro, Manuel Antônio de Almeida, Martins Pena, Pardal Mallet, Pedro Luís, Araújo Porto-Alegre, Raul Pompéia, Sousa Caldas, Tavares Bastos, Teófilo Dias, Tomás Antônio Gonzaga, Tobias Barreto, F. A. de Varnhagen e Visconde do Rio Branco.

O critério da distribuição dos patronos por ordem alfabética não era adotado em todas as academias brasileiras, como acontecia com a Academia Cearense de Letras. Na década de trinta, após a criação da Federação das Academias de Letras do Brasil, foi recomendado que todas as instituições congêneres da Nação adotassem o mesmo critério, o que foi aceito por nossa sociedade.

MACHADO DE ASSIS NA PRESIDÊNCIA DA ACADEMIA BRASILEIRA LETRAS – Machado de Assis foi o primeiro presidente da Academia

Brasileira de Letras, permanecendo na direção da casa até sua morte, ocorrida em setembro de 1908. A sua maneira segura de agir, dando mais sugestão do que ordem, foi decisiva para a evolução e sobrevivência da nova instituição cultural. Joaquim Nabuco disse que sem ele “a ABL morreria do mal-de-sete-dias”.

Rodrigo Otávio comentou que na época dos jantares da Revista Brasileira o notável romancista não era “um homem sociável, era mesmo de difícil familiaridade”. Com os anos ele aprimorou o lado associativo de sua personalidade o que tornou possível a consolidação da Academia. Deve ser ressaltada a habilidade inicial que teve de unir o grupo dos fundadores boêmios com as personalidades austeras como Inglês de Sousa, Joaquim Nabuco, Visconde de Taunay e José Veríssimo.

Outras características que merecem ser destacadas do primeiro presidente da Academia: era um homem de vontade firme, crítico e irônico, porém não feria as pessoas individualmente, não havia empecilho que não procurasse transpor e nunca entrava em discussões políticas. Em resumo, o tempo mostrou que Lúcio Mendonça tinha razão quando reconheceu ser ele um líder natural para a fundação e sobrevivência da Academia Brasileira, instituição que muito honra as letras de nossa Pátria.

Após a consolidação da Academia Brasileira de Letras o autor de *Esauí e Jacó* resumiu sua vida à literatura, à atividade burocrática e à casa que presidia.

SEDES DA ACADEMIA – Como todas as sociedades congêneres, a Academia Brasileira de Letras, por não possuir uma sede, teve dificuldades iniciais de funcionamento. Nos primeiros anos os acadêmicos realizaram suas sessões nas salas da Revista Brasileira, do Pedagogium, do Ginásio Nacional de José Veríssimo, da Biblioteca Fluminense e no escritório do secretário Rodrigo Octávio. Esses locais eram extremamente precários e não permitiam que a ABL desenvolvesse a contento os grandes propósitos para os quais fora fundada. A nova instituição ficou sem reuniões pelo período de 10 de agosto de 1899 a 23 de junho de 1900.

Machado de Assis, discreto e persistente, conseguiu que fosse promulgada uma lei na qual o governo se obrigava a dar uma instalação permanente, em prédio público, à Academia Brasileira de Letras, con-

siderando que ela fora “fundada na capital da República, para cultura e desenvolvimento da literatura nacional”. A lei foi sancionada no dia 8 de dezembro de 1900, mas somente em 2004 a academia pôde se instalar no Silogeu Brasileiro, localizado na Lapa. O casarão deveria abrigar também a Academia de Medicina, o Instituto Histórico e o Instituto dos Advogados. Não era o local ideal, mas a Academia utilizou aquelas instalações até sua transferência para o *Petit Trianon*, em 1923.

A mesma situação de falta de sede para funcionamento das academias ocorreu em outros estados. Assim, no Ceará, a Academia Cearense de Letras, antes de se transferir para o Palácio da Luz, funcionou em onze locais diferentes: Fênix Caixeiral, Clube Euterpe, Instituto do Ceará, Palácio do Governo, residência de Valter Pompeu, sede social do Clube Iracema, Instituto Epitácio Pessoa, solar de Dolor Barreira, casa de Martinz d’Aguiar, casa de Tomás Pompeu e Palácio Progresso.

De idêntica maneira a Academia Pernambucana de Letras, fundada em 26 de janeiro de 1901, antes de se mudar para sua sede definitiva no antigo solar do Barão Rodrigues Mendes, teve o mesmo destino, pois funcionou na sede do Instituto Antropológico e Geográfico de Pernambuco, o qual também fora obrigado a fazer inúmeras mudanças por falta de sede. A APL passou dez anos sem fazer reuniões (1910 a 1920).

VAGAS E ELEIÇÕES NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS – Como nas demais congêneres, desde os seus primórdios, sempre houve uma grande disputa no preenchimento das vagas deixadas pelos acadêmicos desaparecidos. No período das eleições surge uma grande atividade nessas instituições e é, também, o de maior hostilidade. Gaston Boissier disse um dia que “são as mortes que dão vida às academias” (*apud* Montello).

Na Academia Francesa há um epigrama surgido em decorrência do preenchimento de uma vaga que diz:

*Quand nos sommes 40,
en se moque de nous.
Sommes-nous 39
on est à nos genoux.*

Lauro Müller fez a seguinte tradução desse epigrama:

*Se vivos somos quarenta,
alvos somos de ironia,
mas o riso não se agüenta,
ninguém mais nos torce a venta,
se há vaga na Academia...*

Machado de Assis sempre teve uma grande preocupação na reposição imediata das vagas surgidas na Academia Brasileira de Letras e para maior agilidade permitia os votos por cartas ou telegramas. Os três primeiros acadêmicos que vieram a falecer foram: Luis Guimarães Júnior (cadeira 31), Pereira da Silva (cadeira 34) e o Visconde de Taunay, que foram substituídos, respectivamente, por João Ribeiro, Barão do Rio Branco e Francisco de Castro.

Do período de sua fundação até 2007, a Academia Cearense de Letras teve um total de 175 acadêmicos enquanto a Academia Brasileira de Letras, quase no mesmo período de tempo, admitiu 237 acadêmicos, ou seja, 62 a mais que a nossa. A não reposição imediata das vagas ocorridas no Ceará explica, em parte, os esvaziamentos verificados em três ocasiões na nossa centenária academia.

CRÍTICAS À ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS - Na fase inicial de seu funcionamento a ABL foi alvo de inúmeras críticas dos insatisfeitos recaindo, algumas delas, sobre o próprio Machado de Assis. Muitas foram feitas sobre o critério inicial de escolha de alguns imortais, tais como: Pedro Rabelo, jornalista e um notável boêmio; Garcia Redondo, mais um bacharel em Física e Matemática do que homem de letras; Urbano Duarte, um cronista e humorista e Graça Aranha que não tinha, naquela época, livros publicados. Por outro lado faltavam na Academia nomes de grandes intelectuais que não fizeram parte do grupo fundador ou não foram admitidos posteriormente como membros da nova instituição. Foram eles: Quintino Bocaiúva, Capistrano de Abreu, Cruz e Sousa, Domingos Olímpio e Alphonsus Guimaraens. Apesar de Joaquim Nabuco ter dito no discurso da sessão inaugural: “Nós somos quarenta mas não aspiramos ser os quarenta”, foram muitas as críticas surgidas no decorrer da existência dessa memorável casa. Citarei apenas algumas delas.

Foi muito comentado o caso de Emílio de Menezes, que em virtude da boemia, só foi eleito para a ABL após a morte de Machado de Assis. O poeta, porém, faleceu antes da posse.

Sílvio Romero foi um crítico ferino de Machado de Assis e de José Veríssimo. Muitas dessas críticas criaram sérias polêmicas e constrangimentos, principalmente na fase heróica da nova instituição.

Intrigados com a designação de imortalidade dos acadêmicos, perguntaram a Olavo Bilac porque os acadêmicos eram chamados de “Imortais”. O Príncipe dos Poetas brasileiros simplesmente respondeu: “Porque não temos onde cair mortos!”

Ainda no período de Machado outras críticas e escândalos surgiram na imprensa envolvendo os membros da academia como as eleições de Mario de Alencar e do Almirante Artur Jaceguay.

Mario de Alencar concorreu, em 1905, para a vaga deixada por José do Patrocínio e venceu. A vitória deu origem a muitas críticas pois ele possuía somente dois livros de poemas. Concorreu com ele o famoso escritor cearense Domingos Olímpio, autor do notável romance *Luízia-Homem*, que desfrutava naquela época um grande prestígio no Rio de Janeiro. O Barão do Rio Branco teve um papel importante nessa eleição.

Foi também motivo de crítica a eleição do Almirante Artur Jaceguai, em 1907, um herói da Guerra do Paraguai. Joaquim Nabuco foi um grande articulador dessa eleição ponderando que na ABL deveria haver também um grupo de *Grand seigneurs*, ou seja, de figuras exponenciais.

Após a morte de Machado de Assis outro caso teve bastante repercussão: foi a eleição de Lauro Müller. Ele era, então, Ministro do Exterior e não tinha livros escritos a não ser um opúsculo impresso com letras garrafais.

OUTRAS ASSOCIAÇÕES LITERÁRIAS – Após a Academia Brasileira de Letras houve uma tentativa de fundação de outras associações literárias, envolvendo principalmente homens de letras não admitidos na ABL. Podem ser citadas a Academia dos *Novos*, em 1911 e a Sociedade dos Homens de Letras no período de 1916 a 1917. A primeira não chegou a funcionar e a segunda teve vida efêmera.

Vários estados fundaram também suas academias de letras. Manoel Albano Amora, acadêmico e pesquisador cearense, em 1969,

apresentou na Revista da ACL uma relação de 22 academias de letras estaduais fundadas no período de 1894 a 1941, com o nome dos principais fundadores. Coube a honra da Academia Cearense de ser a primeira criada no Brasil, quase três anos antes da Academia Brasileira de Letras. Digna de menção foi a fundação da Federação das Academias de Letras do Brasil ocorrida em 13 de maio de 1936, que tinha por finalidade reunir todas essas entidades. Seu fundador principal foi Afonso Costa.

A CASA DE MACHADO DE ASSIS – Machado de Assis dirigiu a Academia Brasileira de Letras pelo período de 11 anos, de sua fundação até sua morte, ocorrida em 1908. Nesse período foram realizadas 96 sessões, das quais o presidente deixou de dirigir somente duas. A última que presidiu realizou-se no dia 1º de agosto com a presença de somente seis acadêmicos. No fim do mês de setembro o notável escritor brasileiro voltou ao Silogeu Brasileiro para receber as homenagens fúnebres.

Em 1922, ano da Independência do Brasil, foi construído pelo Governo Francês, no decurso das festividades do Centenário da Independência, o *Petit Trianon*, localizado na então Avenida das Nações, hoje Avenida Presidente Wilson. O prédio, posteriormente foi cedido para a Academia Brasileira de Letras e recebeu a denominação de *Casa de Machado de Assis*, apesar do grande e primeiro presidente nunca ter trabalhado lá.

Sucedeu Machado de Assis na presidência da ABL o acadêmico Rui Barbosa, outra glória das letras brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS. *Centenário da Academia Pernambucana de Letras: os de ontem, os de hoje, os de sempre.* vol. 2. Recife: A Academia, 2001. p. 15-38.

AMORA, Manoel Albano. Academias Estaduais de Letras. *Rev. Academia Cearense de Letras*, v. 68, n.32 e 33, p.202-203, 1969.

ALENCAR, Edigar de. A Academia Vovó. *Rev. Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, v. 63, n. 28, p. 30-33, 1959.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900.* Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1956.

MARTINS, José Murilo. *Poetas da Academia Cearense de Letras (1894-2009)*; antologia. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009. p. 20-21.

MACHADO DE ASSIS & JOAQUIM NABUCO. *Correspondência.* Organização, introdução e notas de Graça Aranha. 3ª. ed. Academia Brasileira de Letras, Top Books, 2003.

MONTELLO, Josué. Academia Brasileira de Letras – 100 anos. *in Academia Brasileira de Letras: 100 anos.* São Paulo: BEI Comunicação, 1997, p. 13-68.